



|                                 |                                                  |                                |                                                                                                           |                                                |                      |                                          |                                                                                                 |
|---------------------------------|--------------------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------|----------------------|------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Bolsas</b><br>Na sexta-feira | <b>Pontuação B3</b><br>IBovespa nos últimos dias | <b>Dólar</b><br>Na sexta-feira | <b>Salário mínimo</b><br>R\$ 1.621                                                                        | <b>Euro</b><br>Comercial, venda na sexta-feira | <b>CDI</b><br>Ao ano | <b>CDB</b><br>Prefixado 30 dias (ao ano) | <b>Inflação</b><br>IPCA do IBGE (em %)                                                          |
| 0,54%<br>São Paulo              | 206.887<br>13/10 14/10 15/10 16/10               | R\$ 5,073<br>(- 0,26%)         | Últimos<br>8/outubro 5,024<br>9/outubro 4,985<br>13/outubro 5,020<br>14/outubro 5,028<br>15/outubro 5,086 |                                                | R\$ 5,703            | 13,65%                                   | Maio/2026 0,58<br>Junho/2026 0,16<br>Julho/2026 0,07<br>Agosto/2026 -0,32<br>Setembro/2026 0,82 |

TECNOLOGIA

# Brasileiro usa IA para as compras

Novo modelo procura, compara preços, valida estoques e conclui a aquisição para o consumidor de forma rápida e precisa

» PEDRO JOSÉ BORGES  
» CAETANO YAMAMOTO\*

O avanço da inteligência artificial impactou as formas de consumo. Com um celular à mão, é possível comprar um produto a partir de uma orientação precisa, com informações sobre melhor preço, onde adquirir e a forma de pagar. É o modelo agêntico de compras e transações, no qual agentes autônomos de Inteligência Artificial (IA) pesquisam, comparam preços, validam estoques e concluem compras diretamente em nome dos consumidores, sem a necessidade de constante intervenção humana. Diferentemente de assistentes virtuais tradicionais que apenas sugerem produtos ou respondem a dúvidas, esse modelo tem capacidade de “raciocínio”, memória de contexto e autonomia para executar fluxos inteiros de compra, pagamentos tokenizados e regras pré-definidas pelo usuário. O Brasil é o líder de comércio agêntico no ocidente. A informação foi divulgada no último dia 14 pela pesquisa da Global Payments, que ouviu 8.027 consumidores nos Estados Unidos, Reino Unido, França, Brasil, China, Cingapura e Austrália em maio deste ano. O estudo perguntou sobre a disposição dos consumidores em introduzir novas ferramentas de IA em seu cotidiano. De acordo com o levantamento, o Brasil fica atrás somente da China, superando países como Estados Unidos, Reino Unido e França. De acordo com a pesquisa, o interesse

do brasileiro sobre modelos agênticos quase dobrou de 2025 para este ano. A parcela de consumidores do país que testaram ou estão dispostos a permitir que um agente de IA navegue e faça compras em seu nome no ano passado, era de 39%. Neste ano, a porcentagem subiu para 72%.

Desafios

O gerente-geral de Enterprise da Global Payments para a América Latina, Juan Pablo D'Antiochia, explica que a atual fase é identificar o que os consumidores estão dispostos a delegar — aspecto que se transformou em um desafio. De acordo com ele, as pessoas buscam conveniência, mas também querem manter o controle, especialmente na hora de pagar. “Para as empresas, o desafio será criar experiências em que uma maior autonomia venha acompanhada de mecanismos claros de autorização, segurança e confiança”, afirma. O nível de confiança identificado no relatório é outro ponto que indica o crescimento do comércio com participação da IA. Segundo o estudo, em uma escala de 1 a 5, os brasileiros deram uma nota média de 3,80 para a confiança em seu agente pessoal de IA, o segundo maior resultado entre os sete mercados, atrás apenas da China (3,97). Em 2025, a nota brasileira era de 3,18. Os dados sugerem que a crescente disposição em usar agentes é acompanhada por uma melhoria na confiança, embora pontos como segurança, privacidade

Cardiff University



Brasileiros usam cada vez mais modelo agêntico para compras, mas querem ter controle sobre IA

e controle continuem sendo preocupações centrais. O estudo revela que 24% já testaram esse tipo de experiência e 48% dizem que estariam dispostos a usá-la agora ou nos próximos 12 meses. Para a advogada de Direito Digital e especialista em Direito Empresarial Fernanda Rúbia, um dos principais desafios jurídicos do comércio agêntico é estabelecer os limites da autonomia concedida à inteligência artificial e definir

quem responde por transações realizadas fora das condições autorizadas pelo consumidor. “O consumidor pode autorizar previamente determinadas compras, mas isso não significa conceder liberdade ilimitada à tecnologia”, explica. Rúbia também destaca a importância de documentar as autorizações concedidas pelos consumidores. Para ela, é necessário distinguir a permissão para o tratamento de dados pessoais daquela que

autoriza a realização de compras. Para reduzir riscos, a advogada defende que os consumidores tenham mecanismos para estabelecer limites às decisões delegadas à inteligência artificial. Entre as medidas estão autorizações claras, limites de gastos, autenticação e possibilidade de revogar permissões concedidas. A especialista também destaca a necessidade de canais acessíveis para contestar operações e

cancelar compras, conforme as hipóteses previstas na legislação, incluindo o direito de arrependimento quando aplicável.

Segurança

Para o professor Romes Heriberto de Araújo, da Engenharia de Software do Centro Universitário Uniceplac e pesquisador nas áreas de cibernética e inteligência artificial, a expansão do comércio agêntico exige mecanismos que garantam o consentimento do consumidor e permitam acompanhar as operações realizadas. “Para garantir a segurança no comércio agêntico, é fundamental estabelecer mecanismos claros de autorização, autenticação e rastreabilidade das transações realizadas por inteligência artificial”, afirmou. Segundo o professor, os consumidores devem poder estabelecer limites para a atuação dos agentes, definindo valores, produtos e condições de compra. Também é necessário permitir a revogação de autorizações e a contestação de operações indevidas. Nos sete mercados pesquisados, os consumidores estimam que, nos próximos cinco anos, 17% de suas compras poderão ser feitas por meio de agentes de IA, quase se equiparando às compras presenciais, projetadas em 18%. A previsão coloca os agentes perto de ultrapassar canais digitais consolidados, como sites próprios das marcas, busca e marketplaces.

\* Estagiário sob supervisão de Fábio Grecchi

Brasil S/A

por Antonio Machado



CENTRÃO SE REARMA PARA CAPTURAR O PRÓXIMO GOVERNO, MAS HÁ SINAIS DE QUE ENCONTRARÁ OPOSIÇÃO

machado@cidadebiz.com.br

## Status quo ameaçado

O realinhamento das bancadas dos partidos do Centrão nesta semana com o fim de manter o comando da Câmara e do Senado, representado por dois parlamentares inexpressivos, é o evento determinante para o cenário político, econômico e social de 2027. Tal arranjo faz da corrida presidencial uma competição para a escolha do coadjuvante na relação de força entre os três poderes constitucionais. A votação em ritmo acelerado da emenda à Constituição, que impõe o regime de cinco dias de trabalho com dois de folga, além da anistia das dívidas federais dos MEIs, adicionada à doação de R\$ 5 mil por CNPJ, e as promessas de extensão da bolsa em dinheiro a todos os universitários e o início da gratuidade das tarifas de transporte urbano, já fizeram parte desse arranjo. Esse conjunto exige explicações sobre custos, financiamento e compatibilidade com a responsabilidade fiscal. Mas quem está se importando? Para a imprensa, Hugo

Motta (Republicanos-PB), presidente da Câmara, e Davi Alcolumbre (União-AP), presidentedo Senado, deram demonstrações de força. Para os observadores pragmáticos, a turma do “orçamento secreto” e do dinheiro extraído da lei orçamentária para divisão no escurinho entre deputados e senadores, vulgo emenda, mostrou a Lula e a Flávio Bolsonaro quem tem a força. O arranjo inclui a proteção aos figurões das cortes beneficiados pela dinheirama de fraudes do ex-banqueiro Daniel Vorcaro e pelos favores sexuais que ele patrocinava. É uma frente ampla, expressão que outrora designava coligações políticas pelo bem do país, para manter o status quo das sombras a despeito da opinião do eleitor. Alcolumbre e Motta são figuras menores na política, derrotados, além disso, em seus estados. O pai de Motta não se elegeu senador na Paraíba. No Amapá, Alcolumbre perdeu o governo do estado e as duas vagas no Senado. Por

que, então, estão empoderados pelos chefes dos partidos de centro-direita, entre os quais União Brasil, PP, PSD, Republicanos, MDB, Podemos e a federação PSDB-Cidadania? Exatamente porque são políticos menores. Ambos garantem que o esquema suspeito de distribuição de emendas será mantido, independentemente do presidente da República eleito, além, no caso do Senado, de blindar ministros da alcova de Vitor Hugo, a maioria de direita do PL e do Partido Novo quer impichar. A nova direita elegeu 131 deputados federais (121 do PL e 10 do Novo), que representam 25,5% da Câmara. E terá 31 senadores (PL, 28, 19 eleitos agora, e Novo, 3), correspondendo a 38% do Senado. A disputa pela pauta legislativa prenuncia ser acirrada. Qual a jogada do Centrão, antecipando a promessa de controle das Mesas das duas Casas nas mãos de dois políticos inexpressivos, de estados sem expressão eleitoral e econômica? A mesma que os elegeu no início do Lula 3, com votos da esquerda: manter o orçamento da União entre uns poucos caciques e lobbies de grupos dependentes do Estado, cedendo algumas migalhas ao presidente da vez. Como o PL chega empoderado pelas suas bancadas, as maiores

desde a redemocratização, com uma raposa política à frente, Valdemar Costa Neto, a intenção é trazê-lo ao balaio do Centrão, do qual sempre foi sócio executivo, pondo canga nos eleitos mais ideológicos desse campo: Michelle Bolsonaro, Bia Kicis, Marcel van Hattem, Delтан Dallagnol, Nikolas Ferreira, Pavanato etc. Tais arranjos da parte mercantilizada da política, associados aos projetos eleitoreiros aprovados este ano, tornam o ajuste fiscal a prioridade a ser discutida já agora, na tramitação da LOA, a Lei Orçamentária de 2027. Como está proposta, a LOA é peça de ficção. Se o ajuste para tornar factível a LOA de 2027 for pela despesa, o que parece cada vez menos provável, só se a “nova direita” se acertar com Valdemar, e seus equivalentes nos partidos do centrão se rebelarem contra as chefias do “orçamento secreto”. Se for por aumento de impostos, essa facção provavelmente negará votos. E todos, em uníssono, vão estar contra os juros altos e o Banco Central, enquanto se projeta para o próximo semestre a maior onda de recuperações judiciais (RJ) e extrajudiciais da história. E o presidente eleito ou reeleito? Sem apoio político, não terá lugar de fala, ainda mais com o STF ameaçado. E a imprensa? Vai

reverberar a gritaria da Faria Lima. E a esquerda? Vai continuar perdendo espaço na sociedade, mesmo que Lula se reeleja, segundo brilhante ensaio “Tempos Sombrios”. Bolsonarismo e a sobrevivência do PT”, do economista Leonardo Burlamaqui, da UERJ e UFRJ. Tem o empresariado, com o agro e a sua bancada multipartidária na linha de frente. Se as partes tiverem visão, fazendo-se influir na montagem do novo governo e na pauta parlamentar, a expectativa é de moderação e progresso. Essa é uma linha bastante provável tanto com Lula quanto com Bolsonaro filho, já que a complexidade do que se apresenta supera a capacidade intelectual de ambos os grupos. Antecipo um cenário à luz de contatos com os estrategistas de grandes fundos internacionais enviados ao Brasil nos últimos dias: o capital estrangeiro atraído pelo que importa à nova geoeconomia vai continuar chegando, possivelmente em volume muito maior que o histórico. Só que guiado pelos seus interesses, não os do país. Nenhuma das grandes potências com olhos postos aqui (China, EUA, Rússia, Alemanha, França) conhece integralmente o país. Mas cada uma integra com eficiência a parcela necessária a seus objetivos. A nossa vulnerabilidade

não decorre da onisciência alheia, mas da desarticulação do nosso próprio conhecimento. E voltamos ao início. Em que contribuem para o desenvolvimento os movimentos do centrão visando manter laçado o parlamento? O que os aspirantes a governante mostram de compreensão e capacidade de gerir o jogo sofisticado da geoeconomia? A eleição não respondeu a essas perguntas, ao contrário: tem mostrado desprezo por qualquer concepção de governança inteligente. Mas já é jogo jogado? Ainda nem começou. A força do centrão no Congresso terá desta vez a oposição da direita cuja representação parlamentar se agigantou, e há também o papel dos governadores dessa mesma linha eleitos sem depender das bases eleitorais dos partidos mercenários. A política está mudando. Partidos sem linha programática, formados para embolsar emendas e trocar apoio ao governante da vez pelo controle da CVM ou da Caixa e Codevasf da vida, tenderão ao ostracismo. Isso vale para todos, inclusive para o próximo governante. Com a velocidade das redes sociais, o prazo para a nova legislatura e o novo governo se mostrarem eficazes será curto, talvez seis meses, se tanto. A paciência está por um fio no mundo todo.